

Caminhos para o currículo nacional :: Roberto Mangabeira Unger (Jornal O Globo, em 25.06.2015)

Cada área de conhecimento pode ser apresentada de pontos de vista contrastantes. Desenvolve o poder da mente e previne o conformismo

por Roberto Mangabeira Unger

A definição do currículo nacional — a base nacional comum — pode ser passo largo para construir o Brasil. Há alguns consensos: o currículo deve indicar claramente o que todo aluno tem o direito de aprender em cada etapa de sua escolarização e o enciclopédismo deve ser repudiado. A partir destes consensos, surgem as divergências. Proponho resolvermos cada uma delas da forma mais ambiciosa.

1 — O que deve ter primazia no currículo: conteúdos ou competências? À medida que se avança e, sobretudo no ensino médio, a distinção se torna vital. Muitos querem substituir a enciclopédia grande por enciclopédia pequena, enxugando o currículo sem mudar seu método. O foco da educação deve recair em habilidades da mente: competências gerais, como interpretação de texto e raciocínio lógico, e competências específicas a áreas do conhecimento.

2 — Abrangência ou aprofundamento? É verdade que não se adquirem competências em vazio de conteúdo. O que vale, porém, para adquiri-las é profundidade, não abrangência. As mesmas competências podem ser adquiridas no estudo de conteúdos alternativos. O aprofundamento é necessariamente seletivo. Pode ser também mutável e itinerante. Um professor de História dirá, por exemplo: neste semestre vamos aprender a pensar historicamente ao estudar o Movimento Abolicionista.

3 — Conformismo ou rebeldia? Os currículos nacionais costumam vulgarizar as ideias reinantes em cada disciplina. É a infantilização da ortodoxia. Os estudantes chegam ao ensino superior dispostos a confundir as maneiras dominantes de pensar com a natureza das coisas. Muita gente julga que no ensino básico isto é inevitável. Não é. Cada área de conhecimento pode ser apresentada de pontos de vista contrastantes. Desenvolve o poder da mente e previne o conformismo.

4 — Sequência curricular única ou espaço para os talentos individuais? Em todas as grandes democracias do mundo, discute-se como reconciliar o compromisso igualitário com o reconhecimento das diferenças entre as pessoas. O aluno em dificuldade deve poder contar com outros caminhos curriculares para avançar se o roteiro padrão não funciona para ele. E o aluno que demonstra vocação superior numa área do conhecimento deve poder desenvolvê-la. Sacudir a mediocridade levanta a todos. Ninguém ganha com a supressão da genialidade.

5 — Foco só nas dificuldades cognitivas ou também nos impedimentos sociais e emocionais? Aprender a aprender, começando na escola e continuando por toda a vida, exige o domínio de capacitações de comportamento e de consciência. Dois conjuntos de capacitações são decisivos: os de autodisciplina e os de cooperação. A escola fortalece a autodisciplina ao buscar a família e ao assumir, quando necessário, algumas de suas responsabilidades no apoio ao jovem. E ensina a cooperar quando se organiza com base

em equipes de alunos e de professores. A cooperação deve substituir a combinação de autoritarismo e de individualismo na sala de aula: o professor na frente pontificando e o aluno afundado no isolamento e no tédio.

Roberto Mangabeira Unger é ministro de Assuntos Estratégicos